
Lana
Turner

AS CAPAS DESTA REVISTA SÃO
REPRODUÇÃO FOTOLITOGRAFICA
E IMPRESSÃO OFFSET DA
FOTOGRAVURA NACIONAL, LDA.
RUA DA ROSA, 273 E 277 LISBOA TELEF. 20958



# A mulher a quem os astros destinaram um brilhante futuro

## SÓ NÃO CONSEGUIU CONQUISTAR AINDA A FELICIDADE SENTIMENTAL





# lana turner

## ALBUM DOS ARTISTAS

(2.º Volume — Fasc. 15)

Edição de Aguiar & Dias, Ltd.ª — Todos os direitos reservados para Portugal, em conformidade com a lei, na apresentação, disposição e conjunto da obra. — Distribuidores e Depositários: Agência Portuguesa de Revistas — Rua Saraiva de Carvalho, 207 — Telefones 668639//668684 — LISBOA (Portugal) — Composto e impresso nas Oficinas de Bertrand (Irmãos), Ltd.ª — Travessa da Condessa do Rio, 7 — Lisboa.



Depois de concluir os estudos numa escola superior de Hollywood, fez o seu primeiro filme. Em breve se tornou popular como «a rapariga do sweater». Julia Turner passara a ser Lana Turner



Pouco tempo depois, Lana Turner assinou um contrato com a Metro, juntamente com outra futura estrela, Judy Garland. Ingressaram ambas na escola privativa do estúdio



Reconhecendo uma sedução especial na azougada rapariga, a Metro dedicou ruidosa publicidade à sua nova «estrela». E esta corresponderia ràpidamente, enfeitiçando o público



VIRGIL TURNER trabalhava como capataz numa mina da povoação de Wallace, em Idaho. Tinha quarenta e dois anos e a cabeça cheia de projectos que jamais realizaria. A sua vida tinha sido um constante fracasso. Fàcilmente iludível e provido de uma imaginação transbordante, havia-se conduzido segundo o que ele chamava «a voz das estrelas», sèriamente convencido de que elas haviam de marcar o seu destino. Mas os astros não tinham sido, certamente, muito pródigos para com ele. Vivia pobremente com sua mulher, Mildred, numa casita pouco mais que miserável, junto à mina, dividindo o teu tempo entre o trabalho, o jogo e a astrologia, ciência a que dedicava um fervoroso entusiasmo. Por mais de uma vez sua mulher o havia inùtilmente censurado por aquela obsessão de consultar os astros a propósito dos mais pequenos actos da sua vida. Mas ele não admitia que Mildred interviesse nas suas acções, e muito menos que criticasse «uma coisa tão sagrada»...



Não sabia ele a enorme importância que concediam os antigos ao Oráculo de Delfos?...

Certa noite, como em todos os momentos decisivos da sua vida, Virgil recorreu às estrelas para conhecer de antemão o destino de um filho que estava para vir ao mundo. E após o acto — que ele considerava de profunda solenidade — de observar atentamente o céu imenso polvilhado de pontos luminosos, murmurou:

— A lua está sob o signo da Libra... E, esta manhã, o sol estava no signo do Aquário... É bom sinal!... O sol opondo-se a Júpiter, o planeta benéfico... Se o rapaz nascer hoje, não há dúvida de que será dotado de uma personalidade extraordinária... E, além disso, ocupará um lugar destacado na vida. As estrelas nunca mentem...

Porém, não foi um filho que nasceu, mas sim uma menina loira e rosada. Virgil não queria acreditar, e a sua indignação, por ser tão sincera, era realmente cómica.

— Uma rapariga! Uma linda boneca que só pensará em vestidos e adornos... E com um horóscopo tão estupendo! Não é aborrecido? Se tivesse sido um rapaz... chegaria a ser o dono do mundo... Mas uma mulher... que vai fazer uma mulher com as qualidades que caracterizam as pessoas nascidas sob o signo do Aquário? Se for generosa, será apontada como esbanjadora. Se for apaixonada, julgá-la-ão mal. Se for impulsiva, toda a gente a criticará...

— Ora, ora, Virgil! — interrompeu sua mulher —. Esquece-te de tudo isso por um momento, e vem ver como a menina é bonita... Tem os olhos tão azuis como esse céu que tu não te cansas de contemplar, e o cabelo tão loiro, a pele tão suave...

— Sim, é linda... Mas, se tivesse sido um rapaz, com essa mesma beleza... e com o Aquário a presidir na sua vida, imagina aonde chegaria... É uma verdadeira pena... Porque as estrelas predizem...

— Virgil, Virgil... Nunca mudarás...



O seu primeiro filme para aquela companhia foi «Love finds Andy Hardy», ao lado de Mickey Rooney. Lana encantou as plateias no papel da apaixonada adolescente



O triunfo alcançado nas telas modificava completamente a existência da que fora a pobre filha de um mineiro. Agora, o dinheiro abria-lhe as portas de uma vida cómoda



Aos 18 anos, Lana era já uma «vedeta» de primeiro plano. Para onde quer que se deslocasse, os seus admiradores rodeavam-na de atenções

## PINCELADA TRÁGICA NA INFÂNCIA DE LANA

A pequena foi baptizada por seu pai com o espampanante nome de Julia Jean Mildred Frances Turner. A mãe, a princípio, tinha protestado por aquele nome tão comprido e tão complicado que não condizia muito bem com uma criança tão diminuta como sua filha. Mas Virgil não só se manteve inflexível, como passou a ter a gala de não se referir à pequena de outro modo que não fosse pelo seu nome completo. E era realmente engraçado ouvi-lo quando queria pôr-se autoritário e admoestá-la por alguma travessura: primeiro tossia, e depois esforçava-se por não se enganar no tão complicado nome:

— Mildred Jean Julia Frances... Não... Julia Mildred Frances Jean... Bom, quero dizer: Julia Jean Mildred Frances... Sim, é isso, creio que o disse bem, agora. Menina, venha cá imediatamente...

A pequena ria-se, e a verdade era que não fazia demasiado caso das palavras do pai. A mãe, resignada, havia muito tempo que decidira tratar a filha simplesmente por Lana. E a criança, que gostava daquele diminutivo, costumava increpar o pai:

— Mas, papá, porque teimas em chamar-me por esse nome tão absurdo? Foram as estrelas que te aconselharam a pôr-mo? Seria muito mais simples que me tratasses como a mamã, por Lana. É mais bonito, não achas?

— Nunca! O teu nome é Julia Jean Mildred Frances, e assim te chamarás enquanto eu viver. Esse invento da tua mãe é uma tolice... Lana... Bah! As mulheres têm a cabeça cheia de idiotices...

E encaminhava-se de novo para a taberna, sèriamente desgostoso com as mulheres da sua família.

Lana era agora uma interessante rapariga de nove anos, vivaz, inquieta, impetuosa. Tinha um génio explosivo e sustentava rixas com os rapazes e raparigas do lugar, pelo mais pequeno motivo. Mas todos



Surgiu-lhe uma película musical, e Lana demonstrou que podia dançar graciosamente diante das câmaras. Durante as filmagens, conheceu o músico Artie Shaw



Desse conhecimento desenvolveu-se uma forte simpatia. Lana e Artie passaram a ser vistos frequentemente nos «night-clubs». Toda a gente murmurava que o amor lhes rondava os corações



Mas Lana não tinha esquecido ainda Greg Bautzer, o seu primeiro amor. No entanto, o solteirão Bautzer não estava disposto a casar com uma actriz





No dia em que festejou os 19 anos, a «estrela» recebeu, no estúdio, a visita de sua mãe. A senhora Mildred não tinha, agora, preocupações económicas



O romance com o director de orquestra Artie Shaw prosseguia calorosamente, e Lana nem se esforçava já por desmentir o inevitável desenlace. Casaram em Las Vegas



A famosa «estrela» levava uma vida cada vez mais luxuosa, como desde pequena sempre ambicionara. Mas a sua união com Artie não decorria amena

a adoravam porque tinha a boa qualidade de recuperar ràpidamente o bom humor, e, então, ria com eles e punha-se espontâneamente a seu lado para inventar toda a espécie de diabruras.

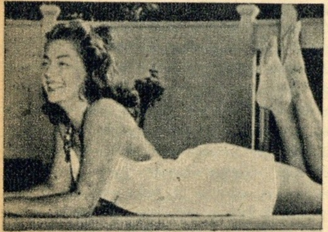
A vida da família Turner decorria na maior miséria. Havia algum tempo que o próprio Virgil, desesperado com a sua sorte, não consultava sequer as estrelas. Para quê? Se estava a perder a fé nas suas predições... Uma noite — era véspera de Natal — por causa de uma discussão com sua mulher, mais acesa que o costume, Virgil saiu de casa decidido a tentar fortuna fosse onde fosse e como fosse. Sua mulher acabava de fazer-lhe as mais fortes censuras, e ele compreendia que a boa e paciente Mildred tinha razão em tudo o que havia dito. Sim, era um fracassado. Jamais conseguiria tirar sua família daquela miséria em que viviam. O salário de capataz da mina mal lhe chegava para os três comerem. E a pequena estava já na idade de receber uma boa educação. Não podia aceitar que uma filha sua — e, ainda por cima, com um horoscopo tão favorável — apodrecesse naquele lugar esquecido pela mão de Deus. Não. Tinha que encontrar maneira de sair dali, de se mudar para uma cidade onde houvesse bons colégios e universidades, onde a rapariga pudesse construir um futuro digno de uma filha de Aquário... Mas, como consegui-lo? Onde encontrar o dinheiro para tudo isso? O pobre Virgil, de mentalidade muito limitada, não encontrou melhor solução que dirigir-se para a taberna, em busca da mesa do «poker» e jogar os poucos dólares que acabava de receber naquela manhãã. Antes de atravessar o umbral da porta, no entanto, dirigiu um ansioso olhar para o céu, procurando desesperadamente um sinal alentador nas estrelas. E dessa vez, sim, dessa vez os astros predisseram ao infeliz Virgil uma felicidade rara ao jogo... Sagitário era o signo da sorte... Naquela noite, a fortuna apresentar-se-lhe-ia em bandeja... Jogou febrilmente, sentindo correr o suor



Menos de um ano depois do casamento, divorciaram-se. Foi uma desilusão para Lana. Mas seguiram-se outros idílios, e Victor Mature foi um dos novos pretendentes



No entanto, os nervos de Lana tinham ficado um pouco abalados. Para descansar e retemperar o espírito, foi até Honolulu, numas curtas férias



Voltou a Hollywood com melhor disposição e mais encantadora que nunca. Reintegrou-se com ardor na actividade dos estúdios, e tentou esquecer os seus problemas

pela testa, apesar do frio da noite... E ganhou, ganhou o que para ele era uma quantia imensa: quatrocentos dólares... Teve a força de vontade de retirar-se a tempo. Com aquele dinheiro, talvez pudessem instalar-se em San Francisco... Os astros tinham sido benévolos com ele naquela noite. Tinham-lhe presagiado sorte e... ali estava ele, Virgil Turner, o iludido, o maluco da astrologia, com um bonito maço de notas na mão.

Mas o que as estrelas não lhe tinham vaticinado fora que...

Ao sair para a rua, respirou profundamente. O ambiente carregado da taberna saturara-o. E depois, aquela rajada de sorte, estranha para ele, tinha-lhe causado tal emoção que mal podia manter-se em pé, embora não tivesse bebido um único copo de vinho em toda a noite. Sentia sobre o peito o contacto quente daquele maço de notas que, inesperadamente, ia mudar o rumo do seu destino. Ergueu o olhar para o céu, num gesto de agradecimento... E, de súbito, tudo desapareceu da sua vista. Sentiu uma dor profunda nas costas, e, ao mesmo tempo que caía pesadamente no solo, ainda viu o rosto de um desconhecido inclinar-se sobre ele e duas mãos apalparem-lhe o corpo... De nada mais se apercebeu. O golpe tinha sido certeiro. O coração deixou de latir quase instantâneamente, e com a mesma rapidez desapareceram os quatrocentos dólares.

## UMA NOVA CIDADE

Mildred nunca soube quem havia sido o assassino de seu marido. Desesperada, desfeita por aquele golpe inesperado do destino, que a deixava a ela e à filha, abandonadas e na miséria, reuniu os poucos cobres que possuía e foi para San Francisco, onde arranjou uma colocação, como criada. Entretanto, a filha foi viver com a avó, em Los Angeles.

A morte do pai causou em Lana uma profunda impressão. Admirava as fantasias



dele e consagrava-lhe um amor que roçava quase a adoração. Os anos passados junto da sua avó, numa casa onde tudo lhe era estranho, afastada da mãe e dos seus hábitos, encheram o coração de Lana de uma solidão trágica que havia de influir em toda a sua vida e fazer-lhe desejar, cada vez com mais veemência, a estabilidade de um lar firme e de um amor verdadeiro a seu lado.

Com o dinheiro que sua mãe ganhava penosamente a trabalhar, Lana pôde frequentar uma escola primária em Los Angeles. A sua instrução deixava muito a desejar, pois a pobreza da sua casa e os poucos meios docentes de que se dispunha em Wallace, fizeram-na chegar aos nove anos mal sabendo ler e escrever. Tinha, no entanto, uma inteligência apurada, e, em muito pouco tempo, conseguiu colocar-se ao nível das outras raparigas. Um dia, a mãe foi visitá-la a Los Angeles e disse-lhe que, com algum dinheiro que tinha amealhado, pensava matriculá-la na Escola Superior de Hollywood, e que, além disso, a partir daquele dia ficava a seu lado. Lana rejubilou de felicidade.

## O CINEMA ABRE-LHE AS PORTAS

Na Escola Superior, Lana conheceu uma existência nova. Fez muitas amizades, principalmente entre o elemento masculino, pois tinha-se transformado numa encantadora beldade. Não muito alta, mas de figura harmoniosa e perfeita, tinha um rosto invulgarmente sugestivo e correcto. Os seus olhos continuavam a ser profundamente azuis e o cabelo loiro como o ouro. Tinha um temperamento alegre e franco e estava sempre disposta a ajudar os companheiros. A sua entrada na escola causou uma verdadeira revolução: todos os rapazes a perseguiam, atraídos como moscas pelo mel. Disputavam uma frase sua, um gesto, um olhar, e quando, no fim das aulas, Lana regressava à sua residência de Los Angeles, ia sempre escoltada por uma corte de pretendentes. Ela aceitava àquele interesse como uma coisa natural. Sabia-se atraente, mas não dava a isso demasiada importância. Apesar do seu aspecto sedutor, não era, na realidade, mais que uma rapariga inexperiente e tímida. A sua inesperada e dramática orfandade deixara nela uma profunda marca e alimentava o seu veemente anseio de abrir um futuro sólido e dar à sua mãe o bem-estar de que sempre havia carecido. Por isso, no dia em que Greg Bautzer,



um dos seus mais fervorosos apaixonados, se lhe declarou, a rapariga hesitou antes de aceitar. Recordaria sempre o dia em que o rapaz lhe manifestara o seu amor. Era ao entardecer. Passeavam juntos pelo parque e, de súbito, Greg abraçou-a fortemente.

— Lana, tu pões-me louco. Desde que te conheci, não como, nem durmo, nem posso fazer outra coisa que pensar em ti. Tens de querer-me, tanto como eu te quero a ti. De contrário, matar-me-ei.



O único amor que perdurou no coração de Lana Turner: a sua graciosa filhita Cheryl Christine

— Por favor, Greg... Que impulsivo és! — respondera Lana, surpreendida e agradada ao mesmo tempo —. Se mal te conheço... como posso já amar-te? Não quero pensar noutra coisa que não seja em construir o meu futuro. A minha vida não tem sido fácil, sabes? A minha mãe precisa de mim... Tenho de ajudá-la...

— És uma rapariga estupenda, Lana... E fantástica, ao mesmo tempo... Estás sempre a pensar nos outros... Com a tua formosura, a tua sedução, que pode importar-te o futuro? De resto... eu não te pareço um futuro bastante aceitável?

— Oh, sim, Greg! És tão simpático... Nunca conheci um homem como tu... Sim, creio que representas um futuro bastante agradável. Mas...

— Quer dizer que me aceitas, que consentes em ser minha noiva?

Lana mostrou-se hesitante. Fitou-o profundamente e, após uns instantes de silêncio, respondeu:

— Sim, Greg, estou disposta a ser tua noiva... Mas tens de prometer-me que permitirás que termine os meus estudos...

— O que tu quiseres, amor. Basta-me saber que me queres para me considerar o homem mais feliz da terra. Vou contar a toda a gente, sabes? Quero que todos me invejem, que morram de ciúmes... Porque todos os rapazes andam loucos por ti, não sabias?

Sim, Lana sabia-o. Não era difícil adivinhá-lo em cada olhar, em cada frase que lhe dirigiam. Mas ela havia aceitado Greg porque o considerava o mais interessante e de personalidade mais atraente de quantos homens havia conhecido. O seu coração solitário entregou-se àquele amor com toda a ardência da sua juventude.

Mas o Destino não podia permitir que um qualquer mortal truncasse tão prematuramente a carreira daquela rapariga que estava sob a sua protecção. Um facto inesperado veio mudar totalmente a vida de Julia Jean Mildred Frances Turner. Um facto insignificante... mas cujas consequências não podiam ser previstas por Lana,





Lana tornara-se um símbolo do «glamour» de Hollywood. A sua presença era requestada nas mais elegantes reuniões, e os seus admiradores multiplicavam-se



Lana e Judy Garland, que tinham iniciado juntas a carreira cinematográfica, encontraram-se no elenco de «The Ziegfeld Girl», ambas já célebres



O crescente prestígio de Lana Turner levou-a a ser convidada para o Baile de Aniversário do Presidente, em 1941, onde apareceu em companhia de Wallace Beery



Entretanto, novo pretendente a presseguia por toda a parte — Tony Martin, recentemente divorciado de Alice Faye. Lana, porém, não correspondeu aos seus anseios



Como toda Hollywood, Lana colaborou em programas da rádio dedicados aos combatentes. Aqui a vemos com Pat O'Brien, numa emissão da NBC



Participou em numerosos empreendimentos a favor do Exército e da Marinha, não poupando tempo nem dinheiro. Este marinheiro ganhou um prémio especial...



**Lana parecia ter uma atracção forte pelos músicos — particularmente os directores de orquestra. Mas ninguém comentou os seus frequentes encontros com Tommy Dorcey**



**Durante uma viagem a Nova Iorque, encontrou-se no Stork Club com o seu ex-marido Artie Shaw. E logo se falou numa provável reconciliação**

nem pelo noivo, nem sequer pelo próprio Virgil Turner, o confidente das estrelas.

Num bonito dia de primavera, ao entardecer, Lana tinha ido, como de costume, em companhia de Greg, a um bar próximo da escola, onde costumavam reunir-se, depois das aulas, com todos os companheiros. Era um pouco tarde, pois Lana e Greg tinham-se entretido a passear pelo parque. Quando entraram na sala, os outros rapazes receberam-nos ruidosamente, atirando-lhes gracejos. O único cliente alheio ao grupo, estava sentado a um canto do balcão, sorvendo tranquilamente o seu refresco. Era um homem um tanto maduro, que parecia totalmente abstraído e indiferente ao que se passava à sua volta. Nem uma só vez havia levantado a cabeça para olhar o grupo de jovens. Só quando ouviu a voz musical de Lana ergueu os olhos, surpreendido. Com mil diabos! Que rapariga tão bonita! Jamais tinha visto um rosto tão perfeito! Deixou-se mirá-la durante muito tempo, observando detidamente cada um dos seus movimentos. De tal modo que Lana acabou por se sentir incomodada, e Greg, ciumento e brigão como era, estava prestes a pedir explicações ao desconhecido, quando este, levantando-se do seu assento, se dirigiu directamente a Lana e, sem fazer caso de todos os circunstantes, pôs-lhe a mão no ombro e disse:



**Mas todas as bocas se calaram a esse respeito quando a «vedeta» regressou à cidade do cinema, e se entregou de novo à sua vida frívola de divorciada**



**Sùbitamente, rebentou a notícia: Lana Turner ia casar outra vez! O segundo marido era Stephen Crane. Linda Darnell e Alan Gordon foram os padrinhos**





**O casamento realizou-se em Las Vegas, e, nesse dia, a «estrela» mostrava-se radiante de felicidade. Tempo depois, descobriria que Stephen não tinha ainda o seu divórcio concluído...**



**Desesperada, Lana divorciou-se imediatamente. Mas, porque ia ser mãe, resolveu casar novamente com Stephen. Em Julho de 1943, nasceu Cheryl Christine**

— Gostaria de trabalhar no cinema, pequena?

Lana julgou não ter ouvido bem. Trabalhar no cinema? Mas... quem era aquele desconhecido que lhe fazia tão estranha proposta? Como se tivesse adivinhado os seus pensamentos, o homem acrescentou:

— Sou Billy Wilkerson do «The Hollywood Reporter». Apresente-se amanhã no Estúdio. Deve ir acompanhada de uma pessoa de família, de preferência sua mãe. Aqui tem o meu cartão... e boa sorte, rapariga!

Quando regressou a casa, naquela noite, Lana estava presa de estranha agitação. O convite do desconhecido fora tão surpreendente e imprevisto, que a deixara profundamente confundida. Trabalhar em frente das câmaras era um sonho que nunca se atrevera a acalentar, não obstante delirar com o cinema, como todas as raparigas da sua idade.

Na manhã seguinte, acompanhada de sua mãe, apresentou-se diante do realizador Mervyn Le Roy, a quem ia dirigido o bilhete de Wilkerson. Parecia-lhe incrível, quase fantástico, que as portas do estúdio, diante de cujas grades havia passado tantas horas aguardando a saída de algum «astro» famoso para lhe pedir um autógrafo, se abrissem agora à frente dela, como por artes mágicas, só por exibir ante o porteiro



**Lana contraira novo matrimónio com Stephen apenas para defender a legalidade do nascimento da filha. Por isso, em 1944, divorciou-se definitivamente de Crane**



**A «estrela» encontrava-se novamente só, e cada vez mais desiludida no campo sentimental. A mãe foi a sua melhor companheira, nessa fase sombria**

aquele pedacito de papel branco que lhe dera o desconhecido no bar.

Le Roy, homem experimentado, apercebeu-se imediatamente das possibilidades que a principiante oferecia. Ali mesmo, diante do pessoal do estúdio, fê-la caminhar, mexer os braços, mover a cabeça e falar. Afortunadamente para ela, o electricista levou uma longa hora a preparar as luzes para o teste, de modo que a lição prática foi demorada. E quando chegou o momento de actuar diante do director de testes, a rapariga tinha já a seu favor uma breve mas valiosa experiência. Não era que tivesse aprendido muito, mas, pelo menos, estava compenetrada de tudo o que devia fazer. E o teste foi um êxito. E o resultado do êxito, um contrato com setenta e cinco dólares semanais. Uma fortuna para Lana e sua mãe! Wilkerson felicitou-a, ao terminar a prova:

— Bravo, pequena! Tinha a certeza de que triunfarias. Mal te vi, tive a impressão segura de que havia em ti uma personalidade inconfundível, que te fazia «estrela» por direito próprio. És bastante bonita, mas não foi apenas a tua beleza que me levou a fixar-me em ti: há centenas de raparigas tão formosas como tu aguardando a sua oportunidade... Foi a maneira como saboreaste o gelado que me atraiu fortemente a atenção... E o movimento com que inclinaste a cabeça para trás, cativou-me... Naquele instante compreendi que me encontrava diante de uma verdadeira «estrela» em embrião... e que não podia deixar-te escapar.

— Oh, senhor Wilkerson! Foi tão amável... Estou-lhe tão agradecida... Tudo isto me parece um lindo conto de fadas, tão irreal que receio despertar a cada instante...

— Mas esse papel que tens na mão, com a tua assinatura e a do senhor Le Roy, não é precisamente um sonho... não achas? — interveio a mãe, que se sentia tão estupefacta como a filha.



Mas refez-se das suas atribulações amorosas, e em breve procurava novas companhias masculinas. Turhan Bey, actor turco, fresco em Hollywood, pretendeu-a para esposa.



Mas o idílio desfez-se. E Lana mudou de par, com a mesma facilidade com que mudava de penteado. Passou a exibir-se ao lado do novo galã Rory Calhoun



Se o afecto de Lana pelos homens era volúvel, o amor pela sua filhita era ardente e constante. Defendia-a, até, de se arriscar a novas desilusões conjugais



— Tens razão, mamã. Isto é realidade, uma bela realidade — quase gritou Lana, agitando no ar o contrato —. E agora, mamã, não trabalharás mais... Eu ganho o suficiente para as duas...

## DOIS CASAMENTOS... DUAS DESILUSÕES

Aquilo foi, para Lana, um renascimento para a vida — uma vida fantástica e maravilhosa que a deslumbrou completamente. O ambiente dos estúdios, a vida das estrelas e as festas mundanas embriagaram-na. Rompeu com Greg, apesar das suas promessas de amor, cega pela corte de admiradores famosos que a assediou logo que fez a sua entrada oficial no estúdio. Tinha dezassete anos e a cabeça cheia de sonhos absurdos. A sua estreia na tela foi numa película ao lado de Claude Rains, na qual pôde fazer brilhar toda a sua personalidade sedutora... e o seu «sweter», a peça de vestuário que iria guindá-la, da noite para o dia, ao plano das grandes «estrelas». Em abono da verdade, no foi precisamente o uso do «sweter» que a tornou famosa, mas sim o facto de a censura a ter proibido de o usar diante das câmaras. A grácil figura de Lana, com esse atavio, resultava tão provocante, que os censores declararam que atentava contra a moral pública, e proibiram a rapariga de aparecer novamente na tela vestida desse modo. Mas a sua popularidade estava conquistada. Tal como acontece com as crianças a quem se proibe de comerem uma coisa, despertando-lhes ainda mais o apetite, assim sucedeu com o público: todos queriam voltar a ver a «censurada». E milhares e milhares de cartas, chamadas telefónicas e até telegramas chegaram aos estúdios, pedindo um novo filme de Lana. A partir de então, ela ficou mundialmente conhecida pela «rapariga do sweter».

Seguiu-se, então, um papel mais importante, junto de Brian Aherne, em «The Great Garrick», e mais tarde, «As aventuras de Marco Polo», com Gary Cooper.



Trabalhara àrduamente na Metro, rodeando a sua carreira do maior carinho. Em 1946, fez uma digressão pela América do Sul



Ao regressar a Nova Iorque, teve um agradável companheiro de viagem, o produtor de rádio Charles Jaeger. Ao contrário do que muitos pensaram, não houve idílio



Outra vez em Hollywood, Lana dedicou-se de novo ao seu passatempo favorito — o «flirt». Voltou a estar em foco Tony Martin... sem consequências matrimoniais



**Outro companheiro assíduo das diversões nocturnas foi Bob Hutton. Muitos sorrisos, muitos olhos ternos, muita intimidade — mas nada de juiz de paz...**



**E os «idílios-relâmpago» sucediam-se. Um encontro com Frank Sinatra numa festa, foi o suficiente para que se esboçasse um devaneio amoroso**



**Claro. Nenhuma «vedeta» formosa escapava a Peter Lawford, o mais perigoso namoradeiro de Hollywood, e Lana Turner não podia constituir excepção**

Quando Mervyn Le Roy abandonou os estúdios da Warner para ingressar na Metro, Lana não quis separar-se dele e acompanhou-o, colaborando imediatamente com Mickey Rooney em «Andy Hardy apaixona-se».

A pequena modesta transformara-se em «estrela». E, como fora obrigada a abandonar o colégio, o estúdio encarregou-se de lhe arranjar professores. Deste modo, Lana dividia o tempo entre os estúdios... e a aprendizagem para se tornar «glamorosa». A sua fama como «vedeta» consolidou-se ràpidamente, e também a sua fama de mulher bela e apaixonada. Muitos foram os actores que se sentiram atraídos pelos seus encantos. E Lana, enamorada do amor, procurava afanosamente o companheiro da sua vida, que lhe oferecesse todo o carinho e todo o amparo de que o seu coração tão necessitado estava. A sua visão romântica do amor fazia-a transplantar para a vida real os idílios que vivia ou admirava no cinema, e imaginava que cada novo galã era o cavaleiro andante que vinha arrancá-la a uma vida solitária e vazia para a tornar permanentemente feliz.

Em 1939, já com umas dez películas interpretadas e uma conta bancária bastante considerável, conheceu o director de orquestra Artie Shaw, que seria o seu companheiro no filme «Two Girls on Broadway». Ao princípio não simpatizou com ele, e chegou mesmo a afirmar:

— Artie é insuportável. É o homem mais vaidoso que tenho conhecido em toda a minha vida.

Lana era sincera. No entanto, depois das primeiras cenas de amor no filme, o que começou como simples ficção terminou... por levar Lana a fugir com ele para Las Vegas, para se casarem. Que havia acontecido? O temperamento impulsivo de Lana, a sua excessiva sensibilidade e as suas irrefreáveis e súbitas simpatias fizeram-lhe crer que o que sentia por Artie era um amor verdadeiro. Não tardou muito, porém, a dar conta do seu engano, e, sem se importar com qualquer convencionalismo e apesar das críticas que a sua atitude ia desencadear... divorciou-se dele apenas seis meses depois de casada.



Esta primeira desilusão amorosa fez que Lana se lançasse ainda com mais empenho em busca da felicidade. O seu futuro estava assegurado. Havia alcançado a fama com surpreendente facilidade, tinha um ordenado fabuloso e vivia com sua mãe numa casa como jamais sonhara, situada num bairro residencial de Beverly Hills. Materialmente, nada faltava na sua vida... Mas...

Quando conheceu Stephen Crane, numa festa dada em casa de Judy Garland, Lana achava-se num momento crítico. Com as suas esperanças destroçadas e uma veemente ansiedade de encontrar depressa uma compensação, entregou-se quase às cegas àquela nova amizade. Crane mostrou-se, desde o primeiro dia, tão enamorado, tão impaciente, tão rendido que Lana não teve forças para o repudiar.

— Querida Lana, porquê esta tortura? — dizia-lhe Stephen, cada vez que estavam juntos — . Há três semanas que nos conhecemos. Não achas que é demasiado tempo? Porque prolongar este nervosismo... se, no fim de contas, acabarás por casar comigo?

— Mas... porque estás tão seguro, Stephen? — replicava-lhe Lana.

— Leio-o nos teus olhos, meu amor. Não podes enganar-me...

E não se enganava de facto. Em 25 de Abril de 1942, Lana unia-se a ele pelo matrimónio. A cerimónia foi simples e íntima. Ao princípio foram felizes. Stephen era carinhoso e estava bastante enamorado de Lana. Não se opunha a que ela continuasse a trabalhar no cinema, e, em pouco tempo, a «estrela» filmou uma série de películas que a consagraram definitivamente. Agora sentia-se feliz, pois julgava ter encontrado finalmente a estabilidade tão desejada. Até que um dia...

O rumor chegou aos ouvidos de Lana da forma mais imprevista. Encontrava-se no cabeleireiro, e umas vozes femininas, vindas



**Houve uma interrupção na sequência das suas historietas sentimentais, quando teve de se ausentar para as filmagens de «A Rua do Delfim Verde»**



**Mantinha a sua vida privada absolutamente à parte da carreira artística, não deixando que a sua fama invadisse a existência da pequena Cheryl**



**Entretanto, novo elemento masculino penetrou na sua intimidade: o galã super-romântico Tyrone Power. Os «flashs» podiam caçá-los frequentemente...**



de um compartimento contíguo, deram-lhe a conhecer uma coisa que a deixou petrificada na cadeira.

— Ouve, Peggy, disseram-me que Stephen Crave voltou a casar. É verdade? — pergunta uma das vozes.

— Molly, francamente!... Que atrasada andas de notícias! Claro que voltou a casar... E não adivinhas com quem? Pois nada menos que com Lana Turner, a famosa «rapariga do sweter»...

— Mas isso é impossível... Pois se Stephen não está ainda legalmente divorciado da sua primeira mulher... Sei isso de boa fonte...

As vozes continuaram a falar, mas Lana já não as ouvia. O seu rosto ficara extraordinàriamente pálido... Por instantes, julgou que ia desmaiar... Como era possível semelhante monstruosidade? Porque não a tinha Stephen avisado prèviamente?... Com uma vaga desculpa, abandonou o cabeleireiro e dirigiu-se ràpidamente para casa. A explicação foi dolorosa... E o resultado imediato, uma apressada viagem ao Reno... e a anulação do casamento.

Novamente Lana se encontrava só — só e moralmente destroçada. O engano de que havia sido vítima por parte de Stephen afectou-a muito mais do que podia supor. Adoeceu, e teve de ficar na cama durante um longo mês. Posta ao corrente do que se passava, sua mãe correu para seu lado, e Lana chorou, inconsolável, sobre o seu ombro, como quando era pequena. Ao verificar, poucos dias depois, que esperava um filho de Stephen, o seu desespero aumentou. Santo Deus! Em que situação ficaria, agora, seu filho? Aconselhada pelo seu advogado, solicitou a Stephen uma entrevista privada, e, alheando-se das manifestações de amor e de desculpa do seu ex-marido, acedeu, depois de se assegurar de que os tramites do divórcio de Stephen estavam perfeitamente legalizados, a casar de novo com ele, com a condição expressa de se separarem logo que nascesse a criança. Contrato insólito, de que Lana não quis retroceder. Não, ela já não podia voltar a amar Stephen, que tão cruelmente a havia enganado. Mas entre eles havia o filho, e estava disposta a defender com unhas e dentes a sua situação legal no mundo. Só por isso acedeu a casar de novo com Stephen. Mas o golpe sofrido, acrescentado a todos os dissabores da anulação do matrimónio para, a seguir, se casar outra vez, e já legalmente, com o mesmo homem, transtornaram de tal forma Lana, que, durante três longos meses, antes de nascer a criança, esteve totalmente cega.

Quando, a 25 de Julho de 1943, nasceu a pequena Cherly Christine, a «vedeta» encontrava-se esgotada. O estúdio, receando que ela adoecesse gravemente, aconselhou-lhe umas férias, e Lana, incapaz de pensar por si mesma, deixou-se levar por sua mãe a um lugar tranquilo onde pudesse descansar e esquecer o pesadelo daqueles últimos meses.

## REGRESSO A HOLLYWOOD... E MAIS HISTÓRIAS SENTIMENTAIS

Não passou muito tempo longe de Hollywood. Faziam-lhe falta a vida agitada do estúdio, os companheiros, o trabalho... Para o seu temperamento apaixonado e inquieto, a melhor forma de esquecimento era reintegrar-se no trabalho e na vida social. E assim o fez, com maior vitalidade que nunca.

O seu reaparecimento em Hollywood foi celebrado com entusiasmo. Voltou a ser o íman de todos os olhares nos clubes nocturnos. Voltou a suscitar a admiração de numerosos homens. Quantos a pretenderam? Era difícil sabê-lo, pois Lana parecia ter sempre uma longa cauda de admiradores. E, durante algum tempo, pareceu entregar-se ao jogo do amor — que consiste em fazer-se acompanhar de vários pretendentes ao mesmo tempo, para depois se decidir pelo que menos se espera.

Enquanto declarava estar enamorada de Turhan Bey, deixava-se acompanhar por Peter Lawford... Quando sorria melancòlicamente diante do nome de Robert Hutton... voava para o Brasil para se juntar nada menos que a Charles Jaeger, o magnate da rádio americana... Nem a própria Hollywood era capaz já de controlar os seus idílios... As críticas foram sangrentas, e um verdadeiro dilúvio de publicidade caiu sobre ela. Foi qualificada de frívola e inconstante. Lana encolhia os ombros e, quando sua mãe a repreendia, inquieta pela fama que ia envolvendo a filha, esta respondia invariàvelmente:



Os repetidos encontros redundaram num ostensivo namoro. Ele saiu a filmar para o México, e ela apressou-se a ir ter com ele. Lana parecia apaixonada



Depois, Power teve de partir para África. No aeroporto Lana despediu-se dele com um sorriso nostálgico, reconhecendo o sincero amor que lhe dedicava



E ficou à espera... Mas, no Baile dos Fotógrafos da Imprensa de 1947, Lana, trajada de princesa mongólica, teve como príncipe um velho amigo, o actor Keenan Wynn...

— Deixa-os falar, mamã! Não me importa o que possam dizer... Tenho direito a viver a minha vida como melhor me pareça... e o amor é uma coisa substancial para mim...

Mildred calava-se, amargurada, pensando no mal que Lana estava causando a si mesma. E desejava com todo o seu coração que ela encontrasse, finalmente, o homem digno que soubesse torná-la feliz. E foi quando os murmúrios chegaram ao máximo que, sùbitamente, Lana começou a apresentar-se em público na companhia de Tyrone Power. O actor regressara havia pouco da guerra. Vinha mudado e com uma vontade férrea de organizar a vida. Além disso, as suas relações com Annabella, sua mulher, estavam muito frias, e, ao conhecer Lana, não pôde escapar ao seu feitiço.

— Tinham-me falado muito de ti, Lana, mas a verdade é que ficaram muito aquem da realidade... És muito mais encantadora do que eu supunha... — afirmou-lhe na própria noite em que se conheceram.

O idílio não tardou a florescer... E muito menos a ser do domínio público. Lana não era rapariga capaz de ocultar os seus sentimentos. Quando se enamorava, parecia sentir a necessidade imperiosa de o proclamar aos quatro ventos. Muito em breve se percebeu que estava enamorada de Ty com toda a profundidade e sinceridade de que eram capaz os filhos de Aquário. Julgou antever nele a felicidade havia tanto procurada, e dispôs-se a lutar por ela, decidida a não deixá-la escapar. Foi um idílio impetuoso, frenético e sincero por parte de Lana, que pareceu viver aqueles meses como num sonho. Ty era o enamorado perfeito: galante, apaixonado, forte... «Junto dele, qualquer rapariga será inteiramente feliz...», pensava Lana.

Mas o Deus do Amor parecia disposto a não aceitar Lana entre as suas protegidas. Um dia, quando a «estrela» estava mais sèriamente interessada por Ty, este anunciou friamente o seu compromisso oficial com outra mulher — uma desconhecida cha-





...enquanto Tyrone seguia para Roma, ao encontro de Linda Christian... Foi das maiores desilusões amorosas de Lana. E pretendeu esquecê-la com John Talbot



De novo em Nova Iorque, outro conhecimento viria agitar desta vez concretamente, os sentimentos da «estrela». Tratava-se do milionário Henry J. «Bob» Topping



Um problema complicava o novo romance de Lana: Topping estava separado de sua mulher, Arline Judge, mas o divórcio ainda não fora decidido

mada Linda Christian — que, embora não tão linda como Lana, foi, em contrapartida, muito mais expedita para apanhar o sugestivo galã nas redes do matrimónio.

A reacção de Lana perante mais este desengano — talvez o mais profundo da sua vida — foi tão contraditório como surpreendente. Não se desesperou, não fez declarações, ninguém a viu chorar... Simplesmente, voltou a olhar para um dos numerosos admiradores que giravam à sua volta... e casou com ele. E para demonstrar que não sentia nenhum desgosto pela afronta recebida, anunciou que o seu casamento daria que falar em Hollywood. Desta vez, o escolhido era Robert Topping, o milionário. Quase não houve noivado. Bob estava demasiado preso à deslumbrante Lana, e ela queria a todo o custo ser feliz e ter um lar estável. Ninguém melhor que Bob para lho proporcionar.

A cerimónia nupcial foi, como a própria Lana desejava, apoteótica e inesquecível. A noiva vestia um trajo cor de rosa que custou uma fortuna. Fizeram-se milhares de convites, e a festa foi tão majestosa que mais parecia uma superprodução da Metro que um casamento a sério. Houve desmaios, assobios, gritos, empurrões dos curiosos que quase destroçaram os polícias que seguravam os cordões. No banquete amontoou-se o caviar e correu o champanhe. O gigantesco bolo nupcial ostentava os dizeres: «Amo Lana» e «Amo Bob». Quando, diante das centenas de jornalistas que os perseguiam com as suas câmaras fotográficas, Bob se aproximou da noiva para a beijar, sussurrou-lhe:

— Isto é para sempre, querida...

Lana respondeu:

— Sim, Bob! Tem de ser...

E havia tanta ansiedade na voz de Lana ao pronunciar aquele «tem de ser» que um arrepio de inquietude percorreu os convidados mais próximos deles. «Tem de ser»... Estranha afirmação nos lábios de uma noiva... Estranha mas profundamente reveladora do estado de alma da rapariga.



Lana Turner, a filha Cheryl Christine, e a mãe, Mildred Turner



# BILHETE DE IDENTIDADE DE *Lana Turner*

**NOME ARTISTICO** Lana Turner * **NOME VERDADEIRO** Julia Jean Mildred Frances Turner * **LOCAL DO NASCIMENTO** Wallace, Idaho * **DATA DO NASCIMENTO** 8 de Fevereiro de 1920 * **ALTURA** 1,73 m. * **PESO** 52 kg. * **CABELO** Loiro * **OLHOS** Azuis * **PAI** Virgil Turner (falecido) * **MÃE** Mildred Turner * **PROFISSÃO ANTERIOR** Doméstica * **EDUCAÇÃO** Grande School; Presentation Convent de São Francisco; High School, de Hollywood; M. G. M. Studio School * **CASAMENTOS** Artie Shaw (director de orquestra) em 8 de Fevereiro de 1940; Stephen Crane (comerciante), em 25 de Abril de 1942. (Divorciou-se de Crane, e voltou a casar com ele meses depois. Divorciaram-se pela segunda vez em 1944); Bob Topping (comerciante milionário), em 26 de Abril de 1948. (Divorciaram-se em 1952); Lex Barker (actor), em 7 de Setembro de 1953. (Divorciaram-se em 1957) * **FILHOS** Cheryl Christine Crane, nascida a 25 de Julho de 1943, do segundo marido * **LUGARES ONDE VIVEU** Wallace (Idaho), Chicago, São Francisco. Viajou pela Europa, Honolulu, América do Sul * **EXPERIENCIA ARTISTICA ANTERIOR** Nenhuma.



Para ninguém era segredo que Lana se lançara naquele matrimónio com o coração destroçado por um desengano amoroso. Poderia subsistir uma união firmada em tão frágil base?

## A FELICIDADE VOLTA - LHE NOVAMENTE AS COSTAS

O sol batia em cheio sobre o iate, ancorado na costa de França. Enquanto três mergulhadores largavam da embarcação, Bob gritou:

— Então, senhora Topping: que lhe parece a ideia de tirar um tesouro do fundo do mar?

— Oh, Bob! Magnífico! — respondeu Lana, encostando-se à amurada, e observando, curiosa, os homens que iam pesquisar o esqueleto de um barco sepultado nas profundidades do oceano.

Lana estava desconcertada. Parecia uma criança extasiada. E a sua satisfação chegou ao auge quando os mergulhadores trouxeram à superfície uns objectos estranhos cobertos de algas e conchas, os quais depois de limpos, se verificou serem valiosas taças de vinho das que usavam os antigos romanos.

— Bob, querido... Tudo isto é tão maravilhoso... Jamais pude imaginar que viria a desfrutar semelhante vida... E devo-ta a ti, a ti só, meu amor, meu único amor...

Lana era sincera ao dizer aquilo. Naquele momento, sentia um profundo amor pelo seu marido. Quando, em Setembro, depois de cinco meses de uma inolvidável lua de mel, decidiram abandonar a Europa, Bob





**Por essa altura, a Metro destinou-lhe um papel que pouco lhe agradou em «Os Três Mosqueteiros», ao lado de Van Heflin. Interpretou-o relutantemente**



**Finalmente livre, Bob Topping desposou Lana, em 26 de Abril de 1948. Foi das mais sumptuosas cerimónias que tinha registado a cidade do cinema**



**Cheryl colaborou no casamento verdadeiramente «real» de sua mãe, compartilhando de uma felicidade que a sua inocência infantil sentia profundamente**

levou-a directamente para a casa que, a partir de então, seria o seu lar.

A casa era colossal: uma enorme e bela mansão de estilo Tudor, construída pela família Topping havia vinte e cinco anos. Erguia-se sobre uma colina, e dela partiam enormes quadrados de relva que desciam graciosamente até se perderem nos bosques e riachos que rodeavam a propriedade. Junto ao lago, havia uma cabana de troncos onde Bob guardava os seus apetrechos de pesca.

— Passaremos aqui muitas horas juntos, Lana — disse-lhe Bob —. Quero transformar-te na melhor pescadora do mundo...

Seria a primeira vez que Lana viveria longe de Hollywood. Mas não lhe importava. Tudo quanto a rodeava era tão surpreendente, tão fantástico e diferente da existência confusa que sempre levara!... Encantava-a ficar semanas inteiras em Round Hill, sem outra companhia além de seu marido e da pequena Cherly Christine. A sua vida era toda serenidade. Só durante os fins de semana, a paz se quebrava um tanto com a presença alegre de algum grupo de amigos que chegava a jantar à sexta-feira e ficava até domingo à noite. Nesses dias, jogavam o golfe, e, invariàvelmente, faziam um piquenique junto do lago, servindo os próprios convidados de cozinheiros.

Antes de conhecer Bob, Lana não podia suspeitar que a vida tivesse tantos aspectos agradáveis. Por isso a existência lhe parecia agora uma interminável sucessão de gratas surpresas. Nunca se tinha sentido tão feliz, e prometeu a si mesma defender aquela felicidade fosse como fosse. Tinha mudado muito. Franca, segura de si mesma, nunca se tinha preocupado, antes, com a impressão que produzia nos outros. No entanto, no regresso da lua de mel, cortou quase totalmente com as suas relações em Hollywood, e dispôs-se a fazer uma vida retirada e tranquila, ocupando-se apenas do lar, do marido e da filha. Não tinha renunciado à sua carreira, pois Bob não se



importava que ela continuasse a trabalhar no cinema. Mas só iria a Hollywood quando o trabalho lho exigisse. Semanas depois, ao confirmar-lhe o médico as suas suspeitas de que ia ter um filho, a sua felicidade foi completa. Recusou-se a actuar no filme «Madame Bovary», em cujo elenco o estúdio a tinha incluído, e nos meses seguintes, a sua vida resumiu-se a pescar durante horas no lago, fazer longas caminhadas pela manhã, descansar junto da lareira, ler histórias a Cherly e preparar a chegada do seu bebé com o maior entusiasmo e cuidado.

Mas o filho não chegou. A saúde de Lana estava bastante delicada, e havia algum tempo que não se encontrava muito bem. Uma noite, teve de ser levada precipitadamente para o «Doctor's Hospital» de Nova Iorque, onde perdeu o filho, três meses antes da data em que devia nascer. Lana jamais poderia recompor-se daquela dor. O seu Timothy, o seu pequeno Timothy (nome que tinha escolhido para o bebé) não existiria nunca...

Aqui principiaram os problemas. Bob julgava ter-se casado com uma «glamour girl», e quando descobriu que Lana ambicionava apenas um lar estável e filhos, como qualquer burguesa, começou a aborrecer-se. Durante todo o ano de 1951, Lana lutou desesperadamente por salvar o seu casamento. As ausências de Bob, a princípio, eram curtas e intervaladas. Mas em breve se foram tornando cada vez mais frequentes, até que, uma noite, disse friamente a sua mulher:

— Quero liberdade absoluta de movimentos para fazer o que me apeteça...

E partiu para Oregon, numa excursão de pesca, sem ter sequer o incómodo de dizer a sua mulher quando regressaria. Lana tentou, a princípio, não se preocupar demasiado. Mas passaram os meses, e viu-se obrigada a confessar a si mesma que tinha perdido a batalha. Bob nunca mais regressaria para seu lado.



**E Bob proporcionou a Lana a sua primeira lua de mel a valer. Partindo para uma longa viagem pela Europa, Lana saboreava uma felicidade nova**



**Houve uma breve paragem em Nova Iorque, durante a qual os recém-casados se encontraram com alguns parentes de Topping, no «El Morocco»**



**A noiva indispôs a imprensa britânica, chegando 43 minutos atrasada a uma recepção. Mas, com o auxílio de uma jornalista, o encanto de Lana dissipou o incidente**



Lana aproveitou para colaborar num espectáculo dedicado às tropas destacadas na Alemanha. O «manager» Jimmy Cross encontrou-se com o casal em Frankfort



Embora servida pela melhor costureira de Hollywood, a «vedeta» não resistiu, em Paris, à tentação dos últimos modelos. As criações de Jacques Fath encantaram-na

Quando o divórcio se tornou inevitável, Lana confessou a sua mãe:

— Dediquei três anos da minha vida a este casamento, e creio que perdi lamentàvelmente o tempo. Quanto mais me esforcei por mantê-lo, mais o fui afundando. Que terei eu, mamã, que não consigo ser feliz?

A senhora Mildred no soube que responder à filha. Limitou-se a cingi-la veementemente entre os braços.

## O QUINTO CASAMENTO

Mas o coração de Lana não podia permanecer muito tempo solitário. Era assombrosa a facilidade da «estrela» para o esquecimento. Dir-se-ia que quando deliberava terminar um caso de amor, o fazia sem que no seu coração ficasse a mais leve cicatriz. Na própria noite em que tudo acabou definitivamente com o marido, viram-na aparecer no «Mocambo» acompanhada do homem mais apetecível da cidade do cinema: Fernando Lamas, o galã que tinha triunfado em Hollywood. Lana e Fernando trabalhavam juntos numa nova versão de «A viúva alegre». Não tardou que as cenas de amor do filme passassem a reflectir os verdadeiros sentimentos dos dois. E os que, a princípio, supuzeram que o idílio não era mais que um truque publicitário, tiveram de reconhecer que eles estavam realmente enamorados um do outro. Lamas declarou abertamente a um jornalista que Lana o fazia «vibrar». «Foi uma paixão à primeira vista — afirmava —. Lana é maravilhosa». Por seu turno, Lana dizia: «Não creio que seja eu a única mulher a considerar que o encanto latino de Fernando, unido ao seu entusiasmo por tudo na vida, forma uma combinação irresistível...».

Começaram a vê-los juntos a toda a hora, e sempre de braço dado. Mas eis que, quando maior era a expectativa, quando toda a gente esperava conhecer dum momento para o outro a data do próximo casamento... aconteceu o inesperado.

Foi numa noite de Outubro de 1952, quando Marion Davies deu uma festa de homenagem a Johnny Ray, para a qual Fernando e Lana foram convidados. O par foi em companhia de um casal seu amigo, Lex Barker - Arlene Dahl. Muitos dos circunstantes não puderam, depois, explicar claramente como principiou a rixa. Uns dizem que Lex Barker convidou Lana para dançar. Outros asseguram que foi Lana quem convidou Lex. O caso é que os dois começaram a dançar, e que, ao vê-los, Fernando sentiu ferver o sangue. Houve





A carreira artística principiou a reclamá-la, e ela teve de regressar ao trabalho em Hollywood, reaparecendo num «show» radiofónico ao lado de Van Heflin e Peter Lawford



Antes de retomar as actividades cinematográficas, surpreendeu-a um triste incidente. Uma inesperada complicação levou-a a perder o filho esperado

gritos, pancada, vidros partidos. Lana e Arlene travaram-se igualmente de razões, e a discussão chegou a atingir um ponto que deixou prever também ofensas corporais. Felizmente, nada de grave resultou. Mas rompeu-se um matrimónio — o de Arlene e Lex — e um noivado — o de Fernando e Lana...

No dia seguinte ao da festa, os pares tinham-se trocado, e passava agora a ver-se Lana pelo braço de Lex, e Arlene junto de Fernando. O que uniu Lana Turner a Lex Barker? Brotou neles, inesperadamente, a chama da paixão naquela noite? Ou foi a maneira como o corpulento Tarzan fez frente ao ataque de Fernando, o que acendeu de novo o rastilho do entusiasmo no coração de Lana? De, qualquer modo, o entusiasmo foi recíproco, a partir daquela festa. Desde, então, Lex nunca mais deixou a «estrela», seguindo-a por toda a parte como uma sombra.

Quando Lana teve de ir a Itália para filmar, Alex foi atrás dela, e o par exibiu o idílio pela Europa. Lex era, sem dúvida, um rapaz inteligente (além de pertencer a uma família aristocrática, o que pesou muito no espírito da vedeta), e teve o talento de ser a tomar o comando, desde o primeiro instante. Lana precisava a seu lado de um homem inflexível, que a tomasse pela cintura e lhe refreasse os impulsos. Lex não lhe deu oportunidade de comunicar com os seus admiradores nem consentiu em regressar aos Estados Unidos, sem que ela acedesse a casar com ele. O enlace realizou-se em Turim, no dia 7 de Setembro de 1953, numa cerimónia muito simples.

Em Hollywood, o quinto casamento de Lana provocou grande celeuma. Foram muitos os comentários e críticas que circularam pela cidade. Os mal intencionados asseguravam que, mal regressasse à pátria, Lana moveria outro processo de divórcio... e que o pobre Lex não ia ter mais sorte que os anteriores maridos.

Mas, quando o casal se apresentou pela primeira vez em público, toda a gente se mostrou admirada: Lana parecia outra mulher. Usava agora o cabelo escuro (por exigências do trabalho), e a expressão do seu olhar, a tranquilidade dos seus gestos, a felicidade que emanava de toda a sua pessoa, afirmavam que estava dotada de uma força e de um domínio interiores que não se lhe haviam conhecido antes. Os seus anteriores casamentos tinham-na conservado sempre num estado de terrível tensão. A sua união com Lex parecia, em contrapartida, ter inclinado o seu tempe-



**Num baile de máscaras, Lana ganhou um prémio com este esquisito adereço na cabeça. Já então se comentavam certas dissidências na vida do casal**



**Embora o último filme de Lana não tivesse sido um êxito de bilheteira, a sua personalidade conservava-se acima disso. As suas peugadas foram impressas no Teatro Chinês**



**Isso provocou na sua sensibilidade de mãe um apego cada vez maior à filhita. Num intervalo de filmagens, Lana entretem Cheryl e a filha de Joan Bennett**



ramento para o outro lado da balança — para o lado da moderação, da serenidade e até das conveniências que é preciso respeitar quando se vive com os outros e para os outros.

Lana e Lex instalaram-se nos arredores de Hollywood, numa casa de estilo colonial, onde se refugiaram em companhia da pequena Cheryl Christine e dos dois filhos de Lex. Ali passaram a viver, profundamente enamorados um do outro, uma existência tranquila e feliz. Lana parecia ter encontrado por fim o homem de quem precisava, e com ele a tão ambicionada felicidade.

A senhora Mildred podia agora respirar tranquilamente, contemplando o lar de sua filha. Lex era um homem íntegro, e adorava Lana. Tudo fazia supor que, daquela vez, sim, «era para sempre».

Decorreram quatro anos. Dividindo-se entre uma vida artística próspera e uma vida íntima permanentemente deliciosa, o casal Barker parecia escudado contra qualquer desaire. Lex abandonara as suas interpretações de «Tarzan» para fazer papeis de maior valor artístico, e Lana, com a sua influência junto dos estúdios, procurava rodear de maior prestígio a carreira do marido como actor de cinema.

Inesperadamente, as asas negras do desentendimento pairaram sobre a vivenda dos Barker. E, dum momento para o outro, propagou-se a notícia de que Lana Turner aprsentara uma queixa contra seu marido no tribunal de Santa Monica: acusava-o de frequentes maus tratos, e requeria o divórcio imediato.

Hollywood abriu muito os olhos, espantada. Quem poderia esperar uma coisa daquelas, quando os dois se desfaziam em ternura, onde quer que se apresentassem?... E só uma explicação se pôde admitir: a felicidade dos Barker era simples aparência, era poesia para toldar a vista aos amigos e conhecidos. Ou então, a atitude súbita de Lana partira de um desses impulsos inexplicáveis que não são nada de espantar nas «vedetas» da grande capital do filme.

De qualquer modo, a separação legal foi decretada, e Lana Turner tem outra vez os sentimentos livres.

Vítima ou culpada de um rosário de desastres conjugais, a luminosa «estrela» americana está ainda por conquistar a verdadeira felicidade.

Ou já a tem conquistado — e perdido. Ninguém o sabe, nem talvez ela mesma.



**O 5.º marido de Lana Turner, o popular Lex Barker (ex-Tarzan), parece ter sido o único que verdadeiramente soube compreender e amar a personalidade da «estrela», proporcionando-lhe uma felicidade diferente, muito mais ampla e espiritual. O que, no entanto, não evitou o divórcio...**



**O sétimo aniversário de Cheryl foi comemorado com uma pequena festa típica de características hawaianas. Tempo depois, Lana perdia outro filho**



**A seguir, deu-se o rompimento conjugal. Esta foto, em que Lana e Bob aparecem junto da mulher de Van Johnson, foi tirada um dia antes da separação**



**Mas o espírito de Lana parecia suficientemente forte para suportar os desaires sentimentais. Desfeito o quarto casamento, ela passou a acompanhar Cy Howard**



E iniciou-se a rodagem de «A Viúva Alegre». O galã de Lana era o astro-sensação latino Fernando Lamas. Forjou-se um idílio real entre os dois



Mas guardado estava o bocado... Não se sabe bem como, Lamas meteu-se de amores com Arlene Dahl, e o marido desta, Lex Barker, viajou com Lana Turner pela Europa



Resultado: Arlene e Lex divorciaram-se, e, enquanto aquela se casava com Fernando Lamas em Hollywood, Lex Barker desposava ternamente Lana em Itália



# Idílio na Europa



## Prelúdio romântico do 5.º divórcio de Lana

Depois da cena de pugilato, numa festa, entre Fernando Lamas e Lex Barker, este rompeu o seu casamento com Arlène Dahl, a qual, por sua vez, se meteu de amores com o Lamas. Em contrapartida, Lex nunca mais largou a sedutora Lana, e seguiu-a pela Europa, num idílio sensacional que teve por cenário os mais românticos lugares de Espanha, França e Itália. Na foto de cima, por exemplo, vemo-los quando saboreavam um belo passeio sobre as águas tranquilas de um canal de Veneza, em companhia da «estrela» brasileira Vanja Orico. A este prelúdio inebriante do quinto casamento de Lana Turner corresponderia o epílogo do costume: o divórcio.

# LANA TURNER na tela



«Duas raparigas da Broadway» (1940) com George Murphy



«They won't forget» (1937), ao lado de Edward Norris (estreia sensacional de Lana Turner, aos 16 anos)



«O médico e o monstro» (1941), ao lado de Spencer Tracy

«O Grande Garrick» (1937), com Marie Wilson



«Somewhere i'll find you» (1942), com Clark Gable







«Slightly Dangerous» (1943). O galã era Robert Young



«Homecoming» (1948), ao lado de Clark Gable



«Marriage is a private affair» (1944), ao lado de John Hodiak



«A viúva alegre» (1952), com Fernando Lamas



«The postman always rings twice» (1946), com John Garfield



«Diana de França» (1957), com Roger Moore

# No número 16

# de ALBÚM DOS ARTISTAS

## leia a biografia romanceada

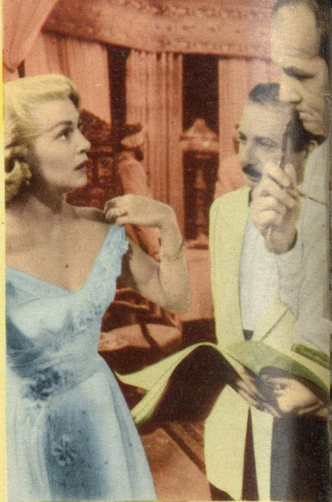
## de JOSEPH COTTEN



◆ *A história de um actor sóbrio que venceu só pelo seu talento.*

◆ *Um «astro» sem escândalos que não deixa de ser popular.*





N. 15

PREÇO 2$00

